

Trivela albiceleste: a crônica na cobertura da trajetória Argentina na Copa do Mundo de 2022

*Trivela albiceleste: the chronicle in the coverage of Argentina's
trajectory in the 2022 World Cup*

Luiz Henrique Zart

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Florianópolis, SC

luizhenriquezart@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9219-8197>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 19 de agosto de 2025

Resumo:

Este artigo estuda o Jornalismo Esportivo enquanto produtor de discursos materializados nas narrativas, cujo objeto empírico são as crônicas que tratam da trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022, produzidas pela Trivela. O objetivo é compreender quais elementos narrativos são articulados em seis textos interpretativo-opinativos que envolvem a albiceleste em todo o mundial. Os textos foram publicados entre 22 de novembro e 20 de dezembro de 2022 e coletados de 15 de julho a 14 de agosto de 2023. A pesquisa recorre à Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), observando os planos da expressão e da estória. Foi possível compreender que a Trivela articula os enredos-intriga a partir de intenções do narrador, com linguagem coloquial mesclado elementos fáticos e fictícios para gerar efeitos de real e de sentido como expectativa, surpresa e suspense com metáforas, hipérboles, entre outros recursos. A cobertura de futebol se mostra, então, como um espaço privilegiado de prática da crônica, construindo uma “gramática” característica.

Palavras-chave: Crônica. Jornalismo Esportivo. Argentina. Copa do Mundo de 2022. Trivela.

Abstract:

This article studies Sports Journalism as a producer of discourses materialized in narratives, whose empirical object is the chronicles that deal with Argentina's trajectory in the 2022 World Cup, produced by Trivela. The objective is to understand which narrative elements are articulated in six interpretative-opinative texts that involve the albiceleste throughout the World Cup. The texts were published between November 22 and December 20, 2022 and collected from July 15 to August 14, 2023. The research uses Critical Narrative Analysis (Motta, 2013), observing the planes of expression and story. It was possible to understand that Trivela articulates the plots-intrigue based on the narrator's intentions, with colloquial language mixing factual and fictional elements to generate effects of reality and meaning such as expectation, surprise and suspense with metaphors, hyperboles, among other resources. Football coverage thus appears to be a privileged space for the practice of chronicles, constructing a characteristic “grammar”.

Keywords: Chronicle. Sports Journalism. Argentina. 2022 World Cup. Trivela.

Introdução

Trinta e duas seleções em campo, apenas uma como campeã. Este é o cenário de uma Copa do Mundo de Futebol¹, como foi no Catar, em 2022. A seleção Argentina, ao apito final do último jogo, sagrou-se campeã, bordando a terceira estrela no peito, do lado esquerdo da camisa albiceleste. Dentro de campo, no entanto, não é apenas a bola que rola: há, também, uma espécie de microcosmo, tecido a partir do simbólico, por onde se materializam as jogadas e seus personagens, entre vitórias, derrotas, expectativas e frustrações que articulam uma série de elementos narrativos.

Na narrativa jornalística, com a transformação dos acontecimentos em relatos de variadas características, compõem-se distintos sabores e camadas de dramatização. Neste sentido, mundiais de futebol são espaços privilegiados para a construção narrativa porque carregam elementos de reviravolta e catarse, ao revelar um “cenário passionai e em constante enunciar de aspectos de investimento da subjetividade e das intencionalidades” (Casagrande, 2021: 50).

A proposta é que “pensar, (re)conhecer e analisar as narrativas jornalísticas à luz de sua tessitura pode ser um caminho tanto para se conhecer o jornalismo quanto o seu próprio fazer” (Resende, 2009: 36). Há, assim, a instituição de uma instância discursiva com características particulares. Notar, então, estilos, figuras de linguagem, expressões, realces de determinados acontecimentos, destaque a personagens, a tudo que, no futebol, envolve o jogo e está além dele.

Neste sentido, pensar nas estratégias narrativas significa, para Motta, Costa e Lima (2004: 43), pensar em “efeitos a serem provocados quando do momento de leitura, sejam de sedução, tensão, suspense, retardamento da intriga, comoção, indignação, medo ou riso”. Desta perspectiva, os relatos sobre um evento como a Copa do Mundo, à luz de um Jornalismo esportivo de características peculiares, podem indicar que “toda narrativa realista poderá ser lida como ficcional, e toda narrativa ficcional poderá ser lida como fática, dependendo do contrato comunicativo e cognitivo do narrador e destinatário em cada situação de comunicação” (Motta, 2009: 4). Este sentido se aproxima das narrativas em formato de crônica, muito utilizadas no jornalismo esportivo, porque:

¹ Vale destacar que, neste texto, se faz referência à Copa do Mundo de Futebol Masculino – a única deste teor realizada no ano ao qual a análise se volta.

[...] possibilita, com velocidade e progressão na narrativa, causar um efeito de sentido da “presença”. Por outro lado, quando o texto é analítico, causa o efeito contrário, ou seja, o sentido da “ausência”. Por isso é que se dá a emblematização do literário no acontecimento. Isto é, o enunciado fica vinculado ao tempo, carregando consigo não só a objetividade do acontecimento, mas também toda a figuratividade que o autor conferiu ao texto (Viana, 2013: 49).

A crônica, conforme afirmamos em trabalhos anteriores (Zart, 2020: 1), se caracteriza como uma narrativa híbrida, transitória e interdiscursiva: “elemento diáfano e fronteiro. É um gênero que está tanto entre as tipologias tradicionais da imprensa quanto nas classificações usuais da literatura, sem que isto represente um problema”. Como um formato maleável, a crônica se volta à observação dos fatos, mas os expõe utilizando a “explicação ou comentário direto da opinião do narrador – ou, ainda, pelo derramamento subjetivo que reflete, misturando prosa e poesia” (Viana, 2013: 25). Neste sentido:

“O que se pode dizer, de uma forma bem genérica, é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia” (Coelho, 2002, p. 156). É um paroxismo proposital, incentivado e que agrada os leitores. Sua conotação, marcadamente literária, no entanto, não lhe retira a credibilidade. Ela se coloca em outro espaço, diferente até daquele ocupado pelo Jornalismo Literário. Sua permissão é mais vasta porque goza de liberdade plena para variar do informativo ao imaginativo sem prestar contas dessa transição, sendo uma mudança natural (Borges, 2013: 258-259).

O objeto de estudo aqui delimitado abrange o Jornalismo enquanto produtor de discursos materializados nas narrativas, com o objeto empírico direcionado às crônicas² produzidas pela *Trivela* – em especial as que tratem da Argentina – durante o período da Copa do Mundo de 2022. A proposta é compreender quais elementos narrativos são articulados nas crônicas da publicação durante a cobertura da Copa, especialmente no que se refere àquelas que se voltam à albiceleste. Vale ressaltar que este artigo é um fragmento da análise desenvolvida durante a dissertação deste autor, quando a proposta foi consideravelmente mais ampla.

Assim, ao todo, dos 55 textos em que a Albiceleste é a motivadora central durante o mundial, para este artigo serão selecionadas seis unidades de análise, extraídas a partir de uma classificação que reflete sobre a construção textual – do gênero, em todos os casos misto, de caráter interpretativo-opinativo, e do formato crônica, que é

² Conteúdo marcadamente subjetivo [...] que registra a visão do cronista a respeito de fatos do cotidiano, aproxima jornalismo e literatura (Alves Filho, 2014). Não se deve confundir com a crônica esportiva identificada como coletivo de profissionais que escrevem sobre a temática.

aqui o foco específico. A coleta do material se deu entre os dias 15 de julho a 14 de agosto de 2023, do site, local em que os textos foram publicados à época da realização do mundial – e dois dias depois da final, como repercussão – entre 22 de novembro e 20 de dezembro de 2022.

Percurso metodológico

A pesquisa recorre às ferramentas oferecidas pelo procedimento da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), observando especialmente duas instâncias das três elencadas: nos planos da expressão e da estória. O primeiro volta-se à construção do texto, abordando intenções comunicativas do narrador, em torno de escolhas linguístico-discursivas para construir seu relato. Por sua vez, o segundo reflete sobre o conteúdo, ou o modo como o enunciador dispõe os personagens e os interpõe na malha do acontecimento para causar certos efeitos de sentido.

Adota-se parcialmente determinados mecanismos metodológicos indicados pelo autor, na direção de passos diluídos na narrativa, descritos de maneira mais sucinta apenas como forma de sistematização: 1) compreender a intriga como síntese do heterogêneo; 2) compreender a lógica do paradigma narrativo; 3) deixar surgirem novos episódios; 4) permitir ao conflito dramático revelar-se; 5) entender o personagem como um ser existente tão somente na narrativa, mesmo que haja um correspondente na realidade; 6) identificar as estratégias argumentativas do narrador; e 7) permitir que as metanarrativas aflorem. Entende-se que todos os movimentos podem se encaixar olhando para os sentidos produzidos pelos textos – como elementos reveladores da prática jornalística – da *Trivela* sobre a Argentina, campeã, em um fenômeno como a Copa do Mundo de 2022. Esta condição se justifica porque, em certa medida:

[...] o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere e oculta. As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não trazem à audiência apenas informação, mas atualizam a realidade social. Renovam e experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação, o canônico e as transgressões (Motta; Costa; Lima, 2004: 33).

Especificamente quando volta-se às produções jornalísticas, a perspectiva de Motta (2013) aponta para a descrição da narratividade, enunciando sucessivos estados

de transformação – situação fundamental a qualquer relato jornalístico. Assim, estudar o Jornalismo como narrativa envolve reconhecê-lo como um dos responsáveis por ordenar acontecimentos do presente objetivo e subjetivo do mundo em discursos, “esboços instáveis e provisórios do real, em constante configuração e reconfiguração” (Quadros; Motta; Nasi, 2017: 38).

Para Motta (2013), narrativas são um permanente jogo entre efeitos de real e efeitos de sentido, “mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana” (Motta, 2013: 18). Além disso, quem narra tem uma intenção e utiliza para isso estratégias comunicativas organizadoras do discurso midiático de forma não aleatória, cujo princípio é o contar. Afinal, interpreta de que forma intencionalidades do narrador se desenvolvem no texto jornalístico, a partir de:

[...] uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (Motta, 2013: 47).

Com a realidade recriada, surge, então, o que o autor chama de “acontecimento intriga”, responsável por revelar ao observador/analista sutilezas das estratégias e formas de narração, ganchos e encadeamentos, conflitos internos, papéis de personagens, dilemas, cenários, dramas e outros elementos que compõem a dinâmica dos relatos – e quais os próprios sentidos construídos por eles (Gouvêa, 2015: 211; Motta; Costa; Lima, 2004: 33).

Como argumenta Motta (2013: 23), a Análise Crítica da Narrativa volta-se ao estudo “metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as histórias reais ou ficcionais”. Gouvêa (2015: 210-211) ressalta que saber de “que maneira se dá a articulação de sentidos por meio da comunicação narrativa é o objetivo central da técnica interpretativa que representa a análise crítica da narrativa”.

Para contornar a camada de estratégias de apagamento do narrador – tradicionais nos textos jornalísticos –, sugere-se dar atenção a um episódio ou evento específico, reunindo todos os materiais possíveis publicados por um ou mais veículos – neste

estudo, a trajetória argentina na Copa do Mundo de 2022, pela cobertura da *Trivela*. O argumento deste recorte metodológico pressupõe que o narrar jornalístico é lacunar e difuso porque se compõe de forma não-cronológica.

A escolha pelas crônicas se dá por motivos de espaço disponível para este estudo, considerando o formato como um daqueles em que há possibilidade de maior investimento narrativo. Ao longo da análise, seguindo as indicações de Motta (2013), são considerados planos de virada – tratados aqui entre as dicotomias usuais de heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração. Cenário e personagens, protagonistas ou coadjuvantes, também são elementos utilizados para facilitar a compreensão das histórias.

Para não tornar a leitura densa nas seções seguintes, são dispostos aqui os textos observados, na ordem cronológica em que aparecem: *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita* (Lobo, 2022a); *Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina* (Bonsanti, 2022b); *Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática* (Bonsanti, 2022a); *A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida* (Stein, 2022b); *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time* (Stein, 2022a) e *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente* (Iamin, 2022).

Crônica #1: Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita

Na crônica *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita*, Felipe Lobo é o responsável por um texto de análise da derrota Argentina. Nota-se, de partida, a intenção de colocar intensidade nas escolhas do vocabulário, além das situações que foram problemáticas ao time de Scaloni para ser “engolido” pela marcação adversária. O mesmo se repete na linha fina, em tom de avaliação do desempenho do time sul-americano, em especial: “Diante de uma virada inesperada, Argentina não soube reagir, não teve ideias e ficou em choque diante de um adversário quase impecável na marcação”.

Por ser a Argentina a favorita, ela aparece como protagonista do relato. A estratégia do autor para construir a narrativa trabalha com os polos entre a expectativa e a surpresa, a decepção e as consequências. Cria, para isso, um entorno, opondo os dois lados do confronto: “Tudo indicava que a vida da Argentina nesta primeira rodada seria fácil. Antes do jogo, porque o adversário era a Arábia Saudita, um time visto entre os piores do torneio”. Tendo a Argentina com a pressão em cima, o peso da camisa, “tudo isso se reforçou com o gol de Lionel Messi, em um pênalti contestado, aos 10 minutos, além de três gols anulados por impedimentos”. Mas a escala escolhida entre o vaivém do jogo encerra a abertura do texto como que numa estrutura que se aproxima do lead: “Ao final dos 90 minutos, quem saiu com a vitória foram os sauditas, por 2 a 1, aproveitando os erros argentinos ao longo do jogo para sair com a primeira grande zebra desta Copa do Mundo 2022”.

Lobo, então, passa a destrinchar as armas dos times, tudo isso envolto em uma ideia geral de: “Só que o tempo passou e o gol não saiu”. Com impedimentos impostos pelos sauditas aos argentinos, que encerraram a primeira etapa com o placar mínimo, a reviravolta aconteceu com “uma incrível virada”, nas palavras do jornalista: “O primeiro gol foi aos três minutos e o segundo aos oito. Dava muito tempo para reagir. A Argentina tinha condições de fazer isso. Só que o baque foi grande e o time sentiu demais”.

Nota-se, com isso, talvez um dos poucos momentos da cobertura em que se questiona a postura de Messi, argumentando, de forma a criar uma sensação de gravidade pela reiteração da negativa, que ele “não conseguiu ser o líder nem com a voz, nem com os pés. Não apareceu tanto para o jogo, não conseguiu criar jogadas, dar passes, finalizar”. Em um trecho que motiva até a chamada desta narrativa:

Faltou liderança, faltou saber reagir diante de uma situação difícil. É quando a personalidade quieta de Messi, normalmente um líder mais com os pés do que com a voz, não conseguiu ser a inspiração que o time precisava. Tal qual todo o time argentino, ele baixou a cabeça após o segundo gol. Isso além de ter uma atuação bastante abaixo da média, sem conseguir realmente aparecer no jogo e causar problemas aos adversários.

O autor segue a crítica partindo para as escolhas táticas e trocas de jogadores, que não deram certo. De nenhuma maneira procura se apagar do texto, como é usual em outros tipos de narrativa jornalística. Ainda que utilize recursos fáticos, como no

exemplo que se segue: “Diante do congestionado meio-campo de marcação da Arábia Saudita, os argentinos não conseguiram variar as jogadas e por isso finalizaram pouco ao gol. Foram 14 finalizações, só seis delas no alvo”.

Diferentemente dos textos de personagem, em que o aprofundamento é direcionado, no caso de uma análise mais ampla como a da crônica deste gênero, os atletas são nomeados, mas como parte de um sistema, e com destaque aos problemas, como quando se escreve: “Enzo Fernández trouxe um pouco mais de dinamismo ao setor, mas ainda ficou muito abaixo do que era necessário. Rodrigo De Paul, um jogador sempre importante, pouco conseguiu fazer”. A opção pela ênfase é vista mais uma vez pela repetição na construção das frases, quando Lobo elenca que:

faltou muita coisa à Argentina. Faltou, primeiro, preparo para lidar com uma linha de impedimento eficiente como a saudita. Faltou poder de reação quando tomou dois gols rapidamente, que viraram o jogo. Faltou liderança para fazer isso acontecer. De Messi, especialmente, por ser o capitão e referência, mas também de outros jogadores experientes, como Nicolas Otamendi, por exemplo.

As figuras de linguagem aparecem como uma espécie de termômetro da atuação ruim da Argentina que “sucumbiu” após o gol, na interpretação do jornalista: “parecendo não acreditar no que acontecia em campo. Ficou em choque, com um mar de ansiedade, aumentando o nível de erros e sem conseguir colocar a cabeça no lugar”. Já perto da conclusão do texto, Lobo traz um histórico e ressalta que “assim como em 2018, a Argentina estreia com decepção”. Ao oferecer os resultados para justificar a afirmação, faz uma ponderação, ressaltando a “derrota surpreendente para a Arábia Saudita, que já liga o alerta para o time”.

As considerações do autor só aliviam quando ele indica que a “Argentina continua forte e continua com muitas chances de avançar, mas será preciso muito mais”. E também quando se volta ao passado e lembra que “a inspiração pode ser a Copa do Mundo de 1990”, quando, mesmo com derrota para os camaroneses na primeira partida, bateu na final contra os alemães. O tom de alerta fecha o texto da seguinte forma: “O time tem total capacidade de ganhar os outros dois jogos, contra México e Polônia, no próximo sábado. Precisa encontrar o futebol que já mostrou neste ciclo e que não levou para esta estreia contra a Arábia Saudita”.

Em linhas gerais, a construção do significado do texto parte de um parágrafo de abertura sintético dos significados, mas discorre em tom de análise, entre o panorama da

partida, destacando lances importantes e observando o sentimento de incredulidade e apatia dos argentinos, que não sabiam como reagir ao resultado. Ao final, entre o histórico, o autor aponta para um horizonte mais positivo e outro nem tanto. O enredo-intriga desta narrativa se ampara no sentido da fraqueza argentina ao sucumbir a um time mais fraco, como o da Arábia Saudita. Além disso, entram em questão aspectos anímicos, psicológicos, quando se trata da (falta de) liderança e das (im)possibilidades de variação do jogo Albiceleste, cedendo às armadilhas do adversário. Os conflitos da narrativa são dispostos pela expectativa não cumprida pelo time Albiceleste, prevalecendo a vilania; a decepção pelo favoritismo não confirmado e a frustração, porque, mesmo com Messi, a Argentina saiu derrotada.

Crônica #2: Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina

Na sequência, aparece um texto com recortes de crônica e análise, construído de maneira interpretativa por Bruno Bonsanti: *Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina*. A condição proposta na chamada parece pouco para o que o texto entrega, em um extenso relato sobre a trajetória do treinador que, realmente, como indicado, entrou para a história do futebol argentino. De certa maneira, essas considerações são reforçadas pela linha fina, quando o autor propõe contraste e aponta que, por muito tempo, “Scaloni parecia estar apenas esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pés no chão, conseguiu entregar à Argentina o que técnicos mais badalados não haviam feito: condições mínimas para Messi e companhia brilharem”.

A opção de partida do texto é a condição da seleção argentina em um ano determinante: 2019, quando, nas colocações do narrador, “parecia abandonada”. A construção se dá pelo recurso da analepse: remontando o passado, *La Selección* disputava a Copa América no Brasil com uma comissão técnica “inexperiente e provisória”. O maior craque do time, Lionel Messi, “nunca pareceu tão ilhado, mesmo entre alguns escudeiros de longa data, como Sergio Agüero e Ángel Di María”. Para Bonsanti, era pontual uma “revolução dramática para a Argentina chegar ao Catar como uma das candidatas ao título”. Quando fala do camisa 10, diz que, à época:

Nunca pareceu tão distante de ter condições reais de conquistar a Copa do Mundo. Havia passado dos 30 anos, não havia um simulacro de trabalho coletivo em vigor, ninguém sabia qual era o plano ou sequer se existia um, e o desastre na Rússia sob o comando de Jorge Sampaoli havia deixado cicatrizes profundas.

Depois dessa espécie de prelúdio, o comentário versa sobre “decisões ponderadas e coerentes” que sustentam a condução de um ciclo de Copa do Mundo, entre as quais a escolha de um bom técnico. O tom metafórico proposto pelo autor, então, começa a tomar forma, quando escreve que: “o futebol, porém, às vezes dá risada da nossa cara, e basta que a pessoa certa esteja no lugar certo na hora certa. Foi o que aconteceu com a Argentina, e Lionel Scaloni não tem nada a ver com a condução bagunçada dos bastidores”.

Classificado como “treinador do improvável”, Scaloni tem colocada em torno de si uma aura daquele que não foi escolhido, mas que deu certo, afinal, responsável pela primeira conquista de Copa em 36 anos. No entanto, a ponderação atravessa mesmo as escolhas da federação argentina, com a adjetivação para definir a dimensão do torneio para outro Lionel, o de Rosário: “No fim, não estávamos tão errados porque foi necessário um bom trabalho, feito pelo técnico. Mas a AFA não pode dizer que sabia o que estava fazendo quando o colocou no comando do grande sonho de Messi”.

Depois, Bonsanti volta ainda mais no tempo. Fala de uma retrospectiva quando, desde 2014, desenhou-se a “tragédia da seleção bicampeã mundial”. Ao enfileirar nomes de ótimos treinadores da safra Albiceleste em clubes, pondera que ao mesmo tempo em que seria necessário se submeter às ordens da federação do país, o futebol de seleções acaba não sendo a prioridade de treinadores da elite. Então, o movimento segue o sentido oposto: o avanço temporal se dá por meio dos parágrafos. Indo até 2018, o jornalista se apoia no estereótipo para construir o relato, falando sobre o estado de espírito do time depois da derrota para a França nas oitavas, de desolação: “desolação porque não parecia haver uma solução, se nem o técnico mais próximo do melhor que eles poderiam contratar havia dado certo”.

Lionel Scaloni, então, integra o relato. Com suporte de muitas informações de base, Bonsanti atravessa a participação do treinador desde o time sub-20, enfileirando nomes que o influenciaram e deram apoio. Mesmo a contragosto da federação, que tinha Mauricio Pochettino como preferido, o autor do texto ressalta que a ideia era que “Scaloni apenas terminasse 2018, com meia dúzia de amistosos. Depois, conduziu a

Copa América, sempre com a sensação de que estava esquentando o banco de reservas para um nome mais forte que chegaria a qualquer momento”.

Assim, constrói-se a impressão de que Scaloni sempre foi um provisório, um técnico para “tapar buraco”. O texto, então, volta mais uma vez no tempo, mas vai ainda mais longe, para tratar da carreira do ex-jogador, agora técnico, dentro de campo. Esses apontamentos podem ser percebidos quando, além dos clubes, Bonsanti ressaltava atributos do tempo de gramado do ex-camisa 5. Ganha suporte usando entrevista concedida pelo treinador e referenda o argumento com elementos fáticos, como os números. Essa observação é notável no trecho a seguir:

Natural de Santa Fé, Scaloni começou a carreira no Newell's Old Boys e passou pelo Estudiantes antes de chegar à Europa para defender o Deportivo La Coruña. Era um meio-campista defensivo ou lateral direito difícil de ser driblado que sempre jogava com muita determinação. Passou oito temporadas e meia no La Coruña, com uma participação periférica no título espanhol de 1999/2000. Em 2001/02, fez apenas uma partida na campanha vitoriosa na Copa do Rei: a final contra o Real Madrid. Foi o clube da sua vida, o qual defendeu 275 vezes e que tem o sonho de um dia comandar, quando sua carreira começar a se afastar do futebol de seleções. “Vou treiná-lo. Tenho isso muito claro. Foi minha segunda casa. Sem o Depor, não teria sido sequer 10% do que sou”, disse, em entrevista à rádio espanhola Cadena Cope durante o Mundial.

Curiosamente, a narrativa composta por Bonsanti destaca que a trajetória de Scaloni enquanto atleta servindo a seleção foi curta: “Fez apenas sete jogos entre 2003 e 2006. É até curioso que estivesse no radar de Pékerman para a Copa do Mundo da Alemanha”. As explicações feitas exploram as opções de elenco que fizeram com que comandantes da Albiceleste preterissem o meia. As escolhas para compor o texto, assim, são orientadas também por declarações do personagem principal, mas não apenas.

O narrador atravessa a carreira e, em dado momento, referindo-se à idade do personagem, 28 anos, pontua: “quando a Argentina foi eliminada da Copa do Mundo nos pênaltis, mas a sua carreira ainda estava longe do fim, embora nunca mais tenha decolado”. De fato, ao longo de alguns parágrafos, a opção de Bonsanti é por detalhar as passagens do jogador por clubes, e o pendurar de chuteiras, quando a “transição para a nova carreira foi rápida. Em outubro de 2016, foi incorporado à comissão técnica de Sampaoli no Sevilla, como auxiliar técnico e analista, e o acompanhou à seleção argentina no ano seguinte”.

Entre os episódios mencionados, se dá em uma “caótica visita da Argentina à Rússia, onde houve rumores de um motim dos jogadores e acusações de que as escalasções de Sampaoli passaram a ser influenciadas pela opinião do elenco”. O relato se costura a partir de informações que circulavam nos bastidores da seleção argentina, incluindo uma imagem de Mascherano orientando o treinador, além de mudanças no esquema “para satisfazer os atletas”.

A intercalação com entrevistas ajuda a arejar o relato: ao mesmo tempo em que fornece declarações diretas do treinador – como as dadas à *ESPN* local –, oferece observações em perspectiva. Uma delas versa sobre a paciência de Scaloni em esperar, mesmo que promovido provisoriamente ao comando da Albiceleste, cujo mérito: “talvez tenha sido a humildade. Nunca pareceu interessado em convencer as pessoas de que não era mesmo um profissional inexperiente que estava aprendendo a ser técnico e se concentrou em fazer o melhor possível, com mente aberta a mudanças”.

Então, percebe-se: houve contextualização da seleção. Houve espaço para relatar algo a respeito da carreira como jogador de Scaloni. Também na seleção. Os problemas enfrentados por ela quando o treinador ainda não tinha o comando do vestiário. É neste momento que Bonsanti também demonstra um conhecimento construído sobre as alterações promovidas justamente a partir do período que inicia o relato: 2019, na época da realização da Copa América, com a convocação de alguns medalhões e outras várias novidades. A partir de então, vai se formulando uma representação do significado do papel do treinador – que avançou até o título mundial: “Esse foi o início de um processo importante que Scaloni conduziu porque começou a garimpar talentos que se tornariam importantes durante os próximos quatro anos”.

O espaço, na sequência, oscila: entre declarações que referendam posições do autor do texto e posicionamentos mais interpretativos e particulares, em caráter analítico. Mesmo o discurso do treinador entra em questão por opção do jornalista, que argumenta: “adotou o discurso pés no chão que não mudaria nem em meio a uma longa sequência de invencibilidade ou após conquistas importantes”, dando espaço a uma fala dele logo em seguida. A mescla entre o que ficava aparente e a visão adiantada dos resultados – com a Copa como principal reflexo, ajudam Bonsanti a compor colocações como aquela em que diz: “E foi o que se viu mesmo: a Argentina fez um jogo honesto contra o Brasil na semifinal, mas, ao fim de um torneio fraco, a distância para o grande rival não foi animadora”.

Continua, com o comandante na conversa: “Havia ficado claro que aquele time ainda estava muito longe do necessário para ser um candidato sério à Copa do Mundo. Mais seguro no cargo, Scaloni arregaçou as mangas e foi ao trabalho”. O relato de Bonsanti é justificado logo depois, quando ressalta a proximidade de Scaloni com nomes lendários do futebol argentino, como José Pékerman, quando “deu uma plataforma para o talento florescer”, tanto de Messi quanto de outros atletas. O viés interpretativo se torna evidente em trechos como o que se segue: “Existe um limite à influência de um técnico de seleções na qualificação do seu elenco. Em última instância, ele depende do material humano disponível. O que pode fazer é estar aberto a integrar novos nomes e fazê-lo de uma maneira segura”.

Mais uma vez, Bonsanti utiliza o vaivém temporal para compor o relato. Se volta ao contexto conturbado da Copa da Rússia, em 2018, quando o ambiente “havia ficado muito pesado”. Como por mágica, com a conquista da Copa América sob o comando de Scaloni em 2021, mesmo o camisa 10 começou a jogar com mais leveza. Na opinião do jornalista: “Parece haver uma missão coletiva clara de correr por ele em troca do que pode fazer com a bola nos pés, uma harmonia entre diferentes papéis e responsabilidades”, algo destacável sobretudo no futebol de seleções, que, para ele, “não permite ideias táticas muito sofisticadas, pelas limitações do trabalho”. Como que numa vitrine de elementos fáticos, na perspectiva de Motta (2013), são elencados, então, os títulos conquistados depois que o cadeado foi aberto: “No caso da Argentina, levou-a ao seu primeiro título em 28 anos e a uma sequência recorde ao país de 36 jogos de invencibilidade, além de uma vitória marcante sobre a Itália na Finalíssima entre os campeões da Europa e da América do Sul em Wembley”.

Entrevistas – a outros veículos, vale ressaltar –, no entanto, não são só as de Scaloni, também compõem o relato. Jogadores como De Paul também são convocados a referendar o treinador. Então, mais uma vez, o texto muda de direção com a troca de parágrafo. Passa a tratar do pano de fundo em que a Argentina esteve até a chegada à Copa do Catar, com uma série invicta de 36 partidas. A referência aos números, que conferem um espaço ao sentido fático do relato, aparecem quando Bonsanti afirma:

A goleada sobre os Emirados Árabes, em amistoso uma semana antes da estreia, foi a 50ª partida de Scaloni à frente da seleção, com 33 vitórias, 13 empates e apenas quatro derrotas, 98 gols a favor e 27 contra. Foram 96 jogadores convocados ao longo do ciclo, segundo levantamento da El Gráfico. Messi, com 26 gols, foi o artilheiro da era Scaloni pré-Copa do Mundo, seguido por Lautaro Martínez, com

21. O craque do Paris Saint-Germain também lidera a tabela de assistências, com 10, à frente de Lo Celso, com nove, e De Paul, com sete. Um panorama bem claro do que foi o trabalho de Scaloni rumo ao Catar.

Só então o autor do texto entra na campanha do Catar propriamente dita. Nota-se, com isso, uma condição relevante nos relatos da *Trivela*. Há, em diversos momentos, uma disposição analítica clara. Também, uma construção narrativa atípica na imprensa tradicional, porque explora condições prévias, panorama histórico, e recorre às carreiras dos personagens em questão, assim como oferece pontos de vista ricos e particulares. Há, também, espaços – voluntários ou não – em que existe uma autorreferência: alguns dos argumentos aparecem, reelaborados, em textos diferentes, o que dá unidade à narrativa integral na cobertura da Copa. Um exemplo se dá na avaliação do autor de que é “natural” em competições como o mundial: “que os times mudem das primeiras rodadas às fases finais, mas Scaloni assumiu o risco de uma permanente transformação. Um risco porque naturalmente seria culpado pela opinião pública se desse muito errado. O balanço acabou sendo positivo”.

Bonsanti recorre a Messi como um elemento centralizador da desordem na seleção argentina antes da chegada de Scaloni. Isso inclui uma breve aposentadoria do camisa 10 da seleção em 2016, quando a “dor das três derrotas consecutivas em finais foi acompanhada por críticas à organização do time nacional”. Naquele momento, parecia “não aguentar mais”, situação superada com a mudança de ambiente. Por fim, em uma situação repetida em relatos analíticos da *Trivela*, o autor conclui o texto para interpretar o panorama e, ao mesmo tempo, voltar-se ao argumento de abertura. Elencando os feitos de Scaloni, entre renovação, estrutura tática diferente e adaptação aos adversários, argumentos presentes em outros momentos da cobertura aparecem: “Mesmo inexperiente, talvez tateando no escuro, deu as condições para que um grupo qualificado que conta com um dos maiores jogadores da história pudesse se concentrar apenas em futebol no Catar”.

A qualificação ao futebol de Messi pela adjetivação se mostra um instrumento de avaliação, ainda há a criação de expectativa pela partida decisiva, quando se escreve: “Que não tivesse sido referendado por conquistas tão marcantes, além da que ainda pode vir no domingo, já seria um trabalho excelente do interino que foi ficando, foi ficando, foi ficando e talvez fique para sempre na história da Argentina”.

O texto propõe-se a analisar, mas se aproxima mais da crônica e da reportagem. O autor compõe uma narrativa extensa e complexa. Aponta para o panorama da seleção argentina antes e depois da chegada dele; menciona alterações, formas de pensar, sempre referendadas por falas de Scaloni. A variação temporal, com avanços e retornos, chama atenção, e a construção de significados ressalta o papel de um interino que, colocado de forma provisória, acabou se tornando aquele que levou a Argentina ao primeiro título mundial em mais de três décadas – e dando a Messi e aos companheiros a taça tão desejada.

O enredo-intriga reside – e é construído – pelo improvável: pela presença de um treinador com pouca experiência que foi capaz de levar a Argentina à conquista do mundial. Todo o restante do texto gira em torno deste universo particular. O conflito e a virada da narrativa se sustentam a partir do enredo-intriga, quando Scaloni passa a ser o menos tarimbado, mas, entre os treinadores, o que chega mais longe e alcança o panteão daqueles comandantes que ergueram a taça da Copa do Mundo. Personifica, ainda que na narrativa aparente ser aos tropeços, a figura de herói – também por conta do improvável – que superou as dificuldades e – à época – apareceu para criar a expectativa de conquista.

Crônica #3: Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática

Em mais um dos materiais que se voltam a analisar a trajetória da campeã, Bruno Bonsanti constrói a argumentação com base na dramatização da campanha Albiceleste rumo ao tri se voltando às características culturais da Argentina: “a seleção que representa um país que vive o futebol à flor da pele não poderia ter uma campanha chata. Talvez, porém, não precisasse ser tão dramática assim”, com a final sendo apenas o “exemplo mais contundente”. A representação dramática não deixa de ter uma ligação com o estereótipo, de certa forma. Ao longo da campanha, lembra o autor, a derrota no primeiro jogo deixou o time “constantemente à beira de um colapso nervoso”, diferentemente do que foi visto em apenas duas partidas “em condições normais”. De repente, “os outros ou começaram tensos ou se tornaram diante da primeira adversidade”.

O ambiente de tensão vai tomando forma desde o início, a partir da estreia com derrota. Naturalmente, quando as fases avançam, a pressão e a ansiedade aumentam, mas na proposta do texto ganham contornos ainda mais evidentes, ressaltados pelo narrador, como no exemplo: “De repente, foi um sofrimento para segurar a vitória contra a Austrália. De repente, a Holanda conseguiu forçar a prorrogação com um gol... diferente. De repente, a França também conseguiu forçar a prorrogação em um jogo que parecia morto”. A repetição é uma forma de ênfase, e também uma indicação de por quais caminhos a leitura deve ser feita.

Com o apoio de vídeos dos lances representativos, o autor passa pelo jogo a jogo fazendo pequenos resumos que confirmam a hipótese, como o relato da estreia, com derrota: “Se a Argentina tinha um plano, ela o esqueceu completamente. Entrou no modo desespero”, que levou “a um estado de emergência”, em que não se podia mais errar. No duelo contra o México, portanto, “raras vezes em um jogo de futebol a tensão era tão palpável. Parecia física, como se fosse um cheiro ou uma âncora”. O autor ilustra, cria referências, ajuda a representar a importância da partida por meio da hipérbole. Mesmo com parágrafos mais curtos e intercalados, o autor consegue relacionar as partidas, algo que pode ser percebido no trecho abaixo, recheado de suspense:

Aquela derrota deu início a um estado de emergência na seleção argentina. Uma derrota para o México significaria a eliminação. Significaria o fim da história de Lionel Messi em Mundiais após dois jogos. Um time que chegou ao Catar entre os favoritos, prestes a igualar a maior invencibilidade do futebol de seleções, seria um dos primeiros eliminados. O técnico Lionel Scaloni tentou suavizar o peso do momento em suas entrevistas, mas ele estava muito claro no estádio de Lusail – o mesmo da final da Copa do Mundo.

Nas demais fases, a perspectiva seguiu, com pequenos artifícios interpretativos para cada uma das partidas. Contra a Polônia, “a Copa do Mundo mal havia completado uma semana de vida, e a Argentina já fora do inferno ao céu. Aqueles dois jogos reiniciaram a sua campanha, e bastava vencer [...] para avançar às oitavas de final”. Há, portanto, amparo em recursos factuais, que procuram dar efeito de real, mas ao mesmo tempo tópicos que constroem efeitos de sentido, com recursos fictícios. Um recurso comum, nestas descrições, era, antes de tratar dos lances decisivos, fazer uma breve introdução: “Havia ficado claro na fase de grupos e mais claro ainda contra a Austrália:

a Argentina estava com uma propensão a perder a cabeça diante da primeira adversidade”.

Bruno Bonsanti também propõe suspense pouco adiante, quando sinaliza, na semifinal, que a Albiceleste abriu 2 a 0 contra a Croácia: “como descobriria nesta Copa do Mundo, porém, esse é um placar bastante perigoso. Não chegou a sofrer e uma jogada maravilhosa de Messi ainda terminou com o terceiro gol, também de Álvarez”. Essa estratégia ficou ainda mais notável quando se trata da final, contra a França. Em momentos variados dessas micronarrativas, Bonsanti varia entre “a final foi uma história à parte. Está entre os maiores jogos de todos os tempos pelo enredo e pela importância. A Argentina estava com tudo sob o controle”, quando largou na frente.

Até que, com a reação francesa, faz intercalações com as ocorrências da partida, descrevendo e, ao mesmo tempo, propondo considerações particulares, como adjetivar momentos da partida e usando da hipérbole: “De repente, do nada, do absoluto vazio, tudo mudou [...] Ninguém poderia imaginar que a Argentina terminaria o jogo rezando por uma prorrogação. O negócio ficou ainda mais maluco no tempo extra porque o jogo ficou frenético”. Até a finalização, quando o caráter interpretativo se torna evidente: “Usam muito o tango como metáfora para descrever o futebol argentino, mas essa Copa talvez tenha sido uma ópera”.

O texto é diferente dos demais pelo suporte dos vídeos, mas não abre mão da descrição dos lances e do indicativo por um olhar mais particular do narrador. Os significados que se sobressaem na narrativa são aqueles pautados pela tensão, pelo nervosismo e pelas surpresas que, não bastassem ser ressaltadas por partidas de futebol, são a florados pela seleção argentina durante a Copa. O enredo-intriga se baseia nessa condição: a de uma campanha construída à base da dramaticidade, em que os jogos que pareciam simples tomaram outro caminho e se complicaram, apesar de um final feliz. Essa tônica está presente em todos os momentos deste relato. Claramente, a perspectiva é positiva: entre heroísmo, superação e expectativa, sobretudo diante de uma campanha que asseverou o aspecto sentimental – não só da torcida, mas da comissão técnica e dos jogadores com os desafios enfrentados na campanha.

Crônica #4: A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida

Em uma narrativa de postura opinativa e interpretativa, Leandro Stein constrói uma crônica que remete não apenas ao campo, mas à ligação com a torcida da Argentina. A chamada é como uma afirmação interpretativa ultrapassando as linhas da informação: traz ao centro do debate, com a conquista, a “devoção” por Maradona, por Messi, mas também “pela razão de ser torcida”. Confere, assim, um ponto de vista que, ao mesmo tempo, convoca uma divindade da Albiceleste, um craque geracional que acaba de adentrar este Olimpo e, também, aqueles que são motivados por este sentimento fora das quatro linhas. Esse sentido de sagrado é ressaltado quando, na linha fina, se lê: “Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé – nas ruas, nas arquibancadas”.

Como de costume, as crônicas da *Trivela* começam com um realçado traço literário, neste caso ressaltando o sentimento de pertencimento: “O futebol, para o argentino, é uma devoção. Torcer é uma razão de ser”, desde os clubes, diz o autor, mas ganhando contornos diferentes com a seleção, que, quando “joga, porém, os limites se expandem. O que era o bairro se transforma em todo o país. E o garoto do *potrero*, aquele que encanta quem passa na rua e o vê desfilando no campinho de terra batida, é incorporado com a 10 albiceleste nas costas”, já que “o futebol argentino é aquele que se vive com a alma”.

O destaque se volta a uma representação mais generalista do povo argentino, jogando com recursos de linguagem e com situações que remetem à memória: vai, da fibra da “gente de Diego”, a “um novo garoto do potrero. O menino prometido, messiânico, que, de novo, explicou ao mundo de que fibra é feita a sua gente e qual o tamanho de sua devoção”. A construção narrativa é de intimismo, de intensidade, de ênfase aos aspectos que calcam a cultura futebolística argentina, tomando forma em texto. Vale ressaltar, também, que a Argentina tem um entendimento de torcida diferente mesmo quando se fala em América do Sul. É um sentimento de pertencimento, de paixão e dedicação. Deste aspecto, Leandro Stein argumenta que a campanha argentina no mundial ultrapassa as quatro linhas: “Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé – nas ruas, nas arquibancadas”, em uma inabalável

certeza que mobilizou “dezenas de milhares de devotos”, que foram ao Catar. “Pareciam pressentir que esta era realmente a hora”.

Da torcida, o autor trata do retrospecto da seleção, por 29 anos com um jejum de conquistas, terminado com a Copa América, com uma “penitência da qual a Albiceleste finalmente se via livre”, algo que reverberou entre os torcedores e “no peito dos jogadores”: “Guiados pelo menino do potrero é que poderiam ver a luz: o brilho da tão sonhada Copa do Mundo”. A dimensão de unidade formulada pelo autor do texto vai se estruturando de forma cada vez mais realçada conforme o texto progride. Por exemplo, quando fala do principal jogador da seleção, Lionel Messi:

A fé dos argentinos tinha um mantra: Messi precisa ganhar uma Copa do Mundo. Por tudo o que representa, por todo o bem que faz ao futebol, por tudo o que significa aos argentinos. E se antigamente muitos o viam como o garoto dos campinhos artificiais da Catalunha, o tempo tratou de mostrar como aquele menino ralou muito o joelho nos potreros de Rosário, onde também não se cansou de levantar poeira para driblar os adversários. Não eram só os torcedores que esperavam ver Messi lá no alto, porque se identificavam com ele. Eram os próprios jogadores, torcedores a mais que se encantaram com o 10 ao longo da vida e sabiam como somente a conquista da taça faria jus à sua história.

A ideia da devoção se volta à figura de Maradona como um ídolo, um talismã na procissão que contava com o “velho diez”. Mas que para a torcida Albiceleste, nas colocações do autor, não precisa de provas materiais, “como o deus que, feito homem, mostrou o caminho do ser argentino através do torcer. A essência que os regeu por tanto tempo em sofrimento para transformar-se, agora, em alegria”, no relato com marcadas características interpretativas e com estratégias recorrentes em conteúdos de teor mais literário, como a crônica.

Algo que pode ser percebido no seguinte trecho, reforçando que seu legado seria “transfigurado em outro garoto do potrero, ainda com a 10 às costas”: “Não ter mais Diego na terra para inspirar toda aquela jornada era um pesar. Porém, o argentino devoto é aquele que imagina que Diego não morreu, mas que ascendeu aos céus. Que olharia pela albiceleste para a caminhada no deserto enfim cessar”. A construção da imagem de idolatria para Maradona, espelhada em Messi, é evidente na comparação proposta, com a representação de um deserto para indicar a seca de títulos.

Na interpretação do jornalista, com o passar das partidas, “mais e mais gente” juntou-se à espera da hora da redenção. Essa expressão, repetida, é usada como uma forma de enfatizar a multidão em culto. Na Copa que, segundo o artifício, “não se joga

em um só lugar”, está nas ruas, nas arquibancadas, de qualquer lugar, como “templos dessa religião chamada futebol”, suportando os “ritos” que duravam de 90 a 120 minutos. Das tribunas, o envolvimento fazia o time “também jogar mais nessa liturgia cantada”, com músicas que “grudavam na mente”. Nos sete passos que representam as partidas, seguiu o tom: “vinha uma nova comunhão, elenco e torcida”. Essa posição pode ser notada quando se escreve que:

E ao final de cada um desses sete passos, vinha uma nova comunhão, elenco e torcida. Nas comemorações diante das arquibancadas, a própria equipe de Lionel Scaloni escancarava ao mundo do que era feita, a quem pertencia, qual a sua fibra. Em tantos momentos, os jogadores não diferiam em nada dos torcedores. Inclusive os ex-atletas da seleção, que deixavam isso ainda mais expresso na hora de vibrar. Ninguém se via necessariamente como um imortal para se afastar de sua gente. Acima deles, afinal, só Diego. Estavam mais empenhados a elevar Messi a esse pedestal.

A narrativa se alimenta de um estágio de conforto confrontado pelo incômodo e pela mudança de direção; é coerente com a proposta do autor, já que: “por fim, o ato final dessa epopeia teria doses cavалares do que é o mistério do futebol: a emoção do imprevisível. Do que é o torcer à flor da pele. De como o argentino se entende, se sente, se vê espelhado na seleção”.

Para Stein, um destino parecia escrito, “mesmo que as tentações botassem a fê à prova”, com a imagem derradeira de Messi “com a taça no mais alto dos céus. No mais perto possível de Diego”, até a “volta messiânica de Messi” para as comemorações com seu povo. Conclui-se o texto ligando ambos os jogadores: “Neste momento, resta esperar algumas horas e imaginar o que será do novo menino do potrero, 10 e faixa, a se eternizar. A devoção já é dele. Neste domingo, todas as preces se tornaram realidade. A Copa do Mundo também é dele”.

Com frequência, são articulados variados recursos narrativos, entre os quais um vaivém cronológico – que alterna entre um início de texto bastante subjetivo mesclado com escalas, trajetórias da seleção, de jogadores, torcida e demais envolvidos. O contexto das temáticas também é um elemento marcante, especialmente quando mesmo os conteúdos meramente descritivos aparecem de forma detalhada, com arremates que, de certa forma, conferem pesos emocionais que enriquecem e diferenciam a matéria da narrativa, em um momento como a Copa. Com uma trinca, a *Trivela* pavimenta o drama e a apoteose no tri da Albiceleste.

Como se disse, o texto tem uma construção das significações embasada em um modelo de crônica. Por isso, Leandro Stein abusa da liberdade criativa e interpretativa para se voltar a um sentido cotidiano da participação da torcida como elemento relevante do futebol. Não apenas a menciona, mas conecta aos seus ídolos, dando a dimensão de religião ao relato, com divindades, ritos e tudo mais que envolve essa dinâmica compondo a maioria do relato. A ideia que prevalece, então, é a de que esse universo sagrado se manifesta entre a torcida e seus grandes nomes, presentes na história.

O enredo-intriga se constata, nesta narrativa, a partir do sentido de sagrado, de religião. A sequência e o encadeamento do texto são orientados por essa questão primordial, como forma de representar os sentimentos e formas de se comportar da torcida argentina, que personifica o legado de Maradona e ratifica a entrada de Messi no panteão dos vencedores de Copas do Mundo. O conflito-virada, por isso, se dá nas provas e nas dificuldades enfrentadas pelo time capitaneado por Messi dentro das quatro linhas e pela torcida fora delas. Tudo isso sob, entre aspas, a benção de Maradona.

Crônica #5: A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time

Leandro Stein, uma vez mais, é o responsável pela redação de *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time*. A proposta do texto, novamente interpretativo-opinativo, é fazer uma análise-crônica a partir de personagens capitais e sobre as mudanças de percurso de Scaloni, o treinador argentino, em busca do time ideal, mas a cada partida. Já na linha fina, Stein dá três nomes que mudaram o time de patamar: Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julián Álvarez, que deram mais equilíbrio e cresceram na competição. Como visto em outros momentos, um dos elementos presentes na narrativa da *Trivela* é a utilização de ganchos para iniciar o texto e torná-lo interessante para o leitor, retendo a atenção. Stein, por exemplo, reflete sobre a “seleção do momento”, argumento que se repete em especial em períodos próximos aos mundiais: “Já dentro da competição, esse ‘momento’ é respeitar aquilo que os jogadores consegue[m] entregar em campo num evento de tão elevada temperatura e pressão”.

A figura de linguagem é uma forma de chamar o momento de jogadores jovens da Albiceleste, para os quais o autor foca o holofote. Além de falar de atletas mais rodados e premiar grandes nomes, qualificados a partir da “grandeza de Lionel Messi” e da dimensão devida ao “sempre decisivo Di María”, “o time de Lionel Scaloni dependeu da ascensão recente de vários nomes essenciais. Jovens como Enzo Fernández, Alexis Mac Allister, Cristian Romero, Julián Álvarez e Nahuel Molina precisaram de só um Mundial para emplacar”.

Stein opta, então, por pausar o tempo. Não se referir ao presente, mas ao passado, em uma quase ida ao divã para tratar de *La Selección*. Fala de um “sucumbir” na Copa de 2018, que forçaria mudanças. A troca de treinador e de alguns jogadores serve de introdução para o que chama de “ponto de virada”: a conquista da Copa América de 2021, quando, na avaliação de Stein, “foi o instante em que Lionel Scaloni encontrou seu time e a Albiceleste deslanchou”. Recorre, então, aos recursos fáticos e menciona as paridades entre o time que derrotou o Brasil na final do torneio sul-americano e o que estreou no mundial do Catar. Para começar a mencionar os jogadores, só no meio do texto, com mais detalhe.

A começar por Enzo Fernández, quando recorre a outras expressões já usadas em conteúdos anteriores, quase como numa autorreferência, entre as quais a “ascensão meteórica” do jovem e a passagem por times da América do Sul e da Europa. Outros recursos fáticos são parte da composição, como que numa justificativa: “Recebeu o prêmio de melhor jovem da Copa, figurou em diversas seleções do campeonato e transformou o time a partir de sua entrada. E não era difícil de perceber como o meio-campista de 21 anos poderia causar impacto na Argentina”.

Depois da digressão, há a descrição do desempenho nos jogos, como em um dos gols contra o México, que o autor coloca como “um baita cartão de visitas”. É a deixa para, em um parágrafo, avaliar e qualificar brevemente as atuações do jogador, e os embates que surgem como representações e são dispostos pela adjetivação: “Ainda assim, sua melhor exibição ficou para o *grand finale* contra a França. Conseguiu vencer o duelo difícilíssimo com Antoine Griezmann e foi implacável nos combates, com dez desarmes. O acerto do time passa por ele”.

A mesma proposta é feita, assim como Fernández, com Mac Allister: O autor oferece um breve histórico, com a formação do jogador, clubes pelos quais passou, e como foi se tornando peça importante no elenco de Scaloni. As atuações no mundial

também são consideradas, às quais se dedica uma avaliação do contexto tático: “Foi um jogador de muita projeção pelo lado esquerdo, mas também flutuando pela direita quando necessário – vide o lance do segundo gol, em que dá a assistência para Di María. Entendeu o jogo e ofereceu verticalidade”.

Com Julián Álvarez, Cristian Romero e Nahuel Molina, o mesmo: Desde convocações e participações com a seleção, elencam-se as condições oferecidas pelo atacante, pelo zagueiro e pelo lateral; passando pelas atuações no mundial e a contribuição dos jogadores para a equipe – incluindo a quem substituíram. As avaliações táticas integram a análise, como no exemplo sobre o defensor, recuperado “contra a Polônia, para ser essencial nos mata-matas. Virou uma figura definitiva não apenas por sua reconhecida capacidade no combate, mas também pela forma como ajudou a organizar o início da construção de jogo da Argentina”.

A extensão do texto também atinge jogadores com mais rodagem, como Emiliano Martínez e Rodrigo De Paul. Sobre o volante, faz-se uma retrospectiva como com os demais: o marcador “tinha bom cartaz nos tempos de Racing e principalmente de Udinese. Virou um verdadeiro operário desse time, com destaque à estelar final de Copa América”. A figura de linguagem comparando-o a um operário mostra o sentido figurado utilizado para representar as funções desempenhadas em campo. As quebras de parágrafo funcionam, mais uma vez, como peças que se conectam e se articulam entre si, estabelecendo o sentido de cada uma das micronarrativas formuladas pelos textos. Com isso, nota-se a intenção do autor de oferecer espaços semelhantes aos jogadores que obtiveram destaque na campanha. Mesmo a Lionel Scaloni há menção, a quem o autor se refere como a um interino que virou revelação e deu consistência ao time.

A avaliação cria paralelos entre o espaço galgado pelo treinador e as chances aos atletas: Scaloni aparece “como um técnico bastante flexível e com ótima leitura dos adversários, especialmente em suas escalações iniciais. E sem se prender a nomes. Se ele mesmo ganhou espaço como resposta ao seu trabalho, não negaria isso aos seus jogadores”. O encerramento se liga à abertura do texto, em mais um recurso recorrente: “Impossível alcançar esse tricampeonato sem aqueles que chegaram na hora certa, por méritos na convocação e naquilo que entregaram em campo”. Afinal, de forma geral, o autor constrói uma análise jogador a jogador daqueles que, na sua avaliação, se destacaram, cresceram no mundial pela Argentina. A estrutura é semelhante, com algumas intercalações, mas nas menções a cada um deles se faz um breve histórico: o

começo das convocações pela seleção, a participação por clubes, o papel desempenhado e o conquistar de espaço até a chegada da Copa, e também as atuações no próprio torneio.

O enredo-intriga se estrutura por meio de um movimento do treinador, que é esmiuçado pelo autor do texto: a crescente participação de jogadores jovens, junto de outros já mais consolidados que ajudaram a levar a Argentina ao título mundial. O texto tem uma estrutura definida, e encadeia de forma linear as contribuições de cada um dos jogadores à seleção argentina. O conflito desta narrativa se dá logo no começo do texto, com a proposição de uma reflexão sobre o time do momento e as necessidades de reformulação da Albiceleste. De certa maneira, o autor referenda sua análise a partir das respostas oferecidas pelos próprios jogadores argentinos em campo. Eles, então, representam o sentido de heroísmo, superação (dentro do contexto do mundial), bem como o de expectativa (para após a conquista).

Crônica #6: Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente

No único dos textos de Leandro Iamin, que envolvem a seleção argentina, *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente*, as características são aquelas da crônica, que sustenta os excertos escolhidos para este artigo. As considerações que utilizam o sentimento aliado à razão, a descrição ligada à interpretação, são todas tomadas por um tom literário, como se vê na linha fina, ao que Iamin interpreta a relevância de uma equipe nacional tendo como exemplo a região portenha: “Urge mais afeto e muito mais disposição, menos má vontade e amargor, com o futebol de seleções, e o abandono desse debate labiríntico que versa sobre a seleção ‘atrapalhar os clubes’ ou ‘deslumbrar os jovens’”.

O autor compõe um texto em primeira pessoa, em sentido confessional. Não usa de nenhuma estratégia que procure distanciá-lo de assumir a autoria, por exemplo. Pelo contrário, esses aspectos são ressaltados: “Pouco astuto da minha parte seria, após escrever um lacônico ‘indescritível’ para tantos amigos e amigas na noite de domingo, sentar agora para descrever o que vi em solo argentino no final de semana da final da Copa do Mundo”. Ao imergir em um universo cotidiano e particular, Iamin destaca que é função de ofício viajar para acompanhar a final do mundial. A personalização da

escrita se dá como num divã, em que o autor mesmo relembra as condições de composição do que relata:

Então descrevo, mas me antecipo: há alguma coisa sobre os festejos – e o sofrimento – de 18 de dezembro que não soube, ainda, codificar, mas que suspeito ter resposta-chave no silêncio tenso no passeio das 9 da manhã, uma sensação de que todos estão acordados atrás de cada janela, mas cada um está digerindo a ansiedade à sua maneira. Me lembrei do auge da pandemia. Lá pelas dez, o silêncio se rompeu.

Comentários sobre a ideia de assistir uma Copa fora do Brasil vão costurando o texto, em conversas cotidianas, como num experimento para observar de outra perspectiva. O tom pessoal se compõe mesmo com brincadeiras de contexto político, como quando o jornalista assume: “a expectativa era por um Brasil x Argentina, que me faria dormir de cueca verde-amarela tal qual um véio da Havan. Depois que caiu o Brasil e bailou o Gvardiol com o Messi, decidi visitar o site de passagens para cometer a calculada loucura”. A riqueza de detalhes supostamente triviais aproxima o conteúdo de um mergulho do leitor em um espaço de cultura, clima e comportamentos diferentes, em que o debate:

é o mesmo no cochicho das esquinas, é passar por dois velhotes e ouvir um ‘partido’ ou ‘la Francia’ entre blá blá blás. Nós, que amamos o futebol em níveis exagerados nos outros 3 anos e 11 meses, nos sentimos redimidos, entendidos, por ao menos uns dias.

O autor descreve a festa Albiceleste como que com um “tom demencial”. Coloca à disposição o próprio olhar para transportar o leitor aos espaços e sensações com os quais teve contato, usando também representações hiperbólicas para isso: “Com os arredores do grande obelisco impraticáveis, embora pacíficos, olhar suas ruas transversais, jorrando gente embandeirada para a avenida-mãe como se fossem artérias colapsadas, parecia miragem e não tinha como caber no mesmo espaço”.

As sensações são a tônica do texto, especialmente quando Iamin ressalta mesmo aspectos de composição da Argentina enquanto território atravessado pelo futebol, ilustrando metaforicamente a compreensão: “Toda a diversidade demográfica, etária e social do país passou por mim em uma velocidade de escola de samba atrasada na avenida. Corpos carnavalizados, inclusive. Um tapete vivo que parecia caminhar em uma esteira veloz”. Colocando-se mais uma vez enquanto narrador que poderia ser

traído pelo próprio relato, o autor acredita que, melhor que este esforço, é mais fácil dizer que “é tudo isso aí que você pensou que pode ser”:

Referências múltiplas e candentes a Diego Maradona, crianças maravilhadas como se o país tivesse virado um milk-shake, idosas em cadeiras de roda acenando na calçada do asilo (e recebendo os cantos de “abuela la la la”), senhores de sorriso contemplativo digno de quem viu 1986, desajustados com embriaguez intratável, meninas serelepes e saltitantes, meninos marchando ansiosos e perplexos, tudo que é possível ver, em cima de capôs de carro, semáforos ou árvores, se viu.

A contextualização faz com que ele se recolha aos pensamentos para escrever: “não haverá outro domingo de demência festiva coletiva como esse”. Aproxima Messi de Maradona e diz que houve pausas para ver o camisa 10 erguer a taça: “As referências divinas e messiânicas da bola autorizaram o povo argentino a se entregar às ruas com uma mistura rara, confusa e ritualística de sentimentos”. Em um movimento em que aparenta remorso, Iamin se lamenta, já que, ainda que perca a Copa, a França seguirá com Messi, morando e jogando – situação que mudou com a ida do craque à *Major League Soccer*, a MLS, liga de futebol estadunidense.

Usa, para tanto, referências artísticas para criar uma comparação: “Nossa Mona Lisa está exposta, hoje, no obelisco, mas já já volta para o Louvre. Não que seja um roubo ou uma indecência”. A reclamação passa pela formação de Messi, que “com sua bola inacreditável e seu sotaque rosarino que manda os bobos ‘irem pra lá’, é o grande craque do continente em um tempo em que não é possível sequer sonhar em tê-lo aqui”. As referências são ao ocorrido na Copa, ao bairro onde Messi foi criado e a um distanciamento do local, colocando o leitor a refletir sobre o gênio distante. A conexão com jogadores usa ainda os exemplos de brasileiros como Vinicius Jr., Rodrygo e Endrick, que deixam o país cedo para se transferirem para o Real Madrid. O autor ressalta:

Sinto que nossa única saída está no afeto por nossas seleções, e que fortalecer estes laços, forçar o exercício desta identidade, é o caminho para que a festa deste domingo, fruto de uma conexão entre time e povo que custou muito a ser construída (e foi possível a partir das já citadas circunstâncias entre Maradona e Messi, figuras de exceção mesmo entre os raros e gênios), se repita daqui alguns anos no Brasil, por exemplo.

Depois da digressão, o narrador requer o direito ao encantamento com jogadores que são “nossos”. “É um problema químico, de conexão que não se compra, mas

também humano e filosófico, no sentido de sermos donos de nosso encantamento e responsáveis pela nossa própria indiferença a algo”. O exemplo serve de gancho para o retorno à festa argentina: “a invasão apaixonada a um país fictício que potencializou o delírio coletivo de que vivia-se mesmo um sonho, é um esforço de e entre pessoas – as mesmas, aliás, que fazem o futebol ter relevância”. Iamin pontua ainda que “o trem do futebol de clubes passou para nós, sudacas”. É um relato de guerra perdida contra o dinheiro e o poder de times europeus, que acabam também por atrair torcedores dentro do Brasil, “e não se briga com o inevitável”, sentencia. No entanto, constrói um entendimento a que se remete na linha fina do texto. Ironiza, para encerrar sua crônica, o próprio distanciamento do futebol de clubes, ao dizer que a seleção é uma “chance de revanche” para:

desaforos que nos habituamos a não cobrar – e sim, a sério, até a Copa no nosso inverno, verão deles, compõe minha lista de revanches vencidas no pênalti de Montiel. Dia 1 de janeiro tem Lens x PSG. Com Neymar? Com Messi? Não me chamem para assistir.

Afinal, o autor constrói significados entrelaçados com sensações, subjetivações, sentimentos e outras reflexões cotidianas. Puxa para a conversa um contexto próximo e pessoal, que torna a narrativa particular e intimista. Iamin também não poupa se colocar à reflexão e trazer questões relativas ao futebol relacionando o entendimento de nós, brasileiros, a partir da comemoração vista após a conquista do mundial pela Argentina. Assim, o enredo-intriga se dispõe a partir da viagem do autor à Argentina no final de semana da final do mundial. Há uma defesa pelo futebol de seleções, em detrimento do futebol de clubes, como um elemento de identificação para todo o continente.

Sobre os festejos do dia 18 de dezembro, o autor esclarece os registros de forma muito detalhada. O conflito-virada da narrativa se dá pela pertinência do impertinente característico da crônica. Da irrelevância de onde surgem discussões filosóficas, pessoais, psicológicas, sentimentais; de onde brotam contextos íntimos e dos quais o autor se utiliza para compor os argumentos. A virada é que, de um tom mais próximo de um relato sobre os acontecimentos presenciados, parte-se para uma crítica à forma de se relacionar com o futebol e se resgata a maneira como interpreta aquilo que deva ser o olhar para o futebol de seleções como um elemento de proximidade e identificação.

Considerações Finais

Neste artigo, foi possível perceber de que maneira determinados elementos narrativos são dispostos nas crônicas sobre a trajetória da Argentina, na Copa do Mundo de 2022, publicadas na *Trivela*. Entende-se que a Análise Crítica da Narrativa permitiu um desmontar dos seis textos observados. Neste sentido, ainda que cada um deles tenha características diferentes, é possível perceber que há algumas constantes comuns. As narrativas são, como pressupunha a perspectiva metodológica, estruturadas a partir de enredos-intriga, com determinadas intenções do narrador presentes nos textos, com personagens e movimentos de virada, além de uma carga dramática considerável.

A cobertura de futebol se mostra, então, como um espaço privilegiado de prática da crônica. Mais que isso, constrói, a partir das análises feitas neste artigo, uma certa “gramática” característica. Esta gramática se estrutura pela construção de uma linguagem esportiva altamente coloquial, em que os autores não procuram, tão aparentemente, um apagamento explícito do texto. Porque aparecem por meio das escolhas que fazem, mesclando em momentos distintos os recursos fáticos e fictícios. Estabelecem, assim, efeitos de real, por um lado, e efeitos de sentido, por outro, com abordagens que oscilam entre a interpretação dos acontecimentos e a opinião, ultrapassando determinadas marcações de gênero textual.

No sentido da construção destas narrativas, é importante perceber a intensidade e a criação de efeitos no público leitor, além da extensão dos textos. As escolhas de vocabulário e a disposição dos argumentos criam expectativa, suspense, surpresa. Fazem, por meio de um tom interpretativo, de características autorais, adjetivações e valorações. Na construção frasal, em variados momentos, usam a repetição e a pontuação como um demarcador de ênfase, além de figuras de linguagem, hipérboles e metáforas como elementos para enriquecer as narrativas – auxiliados, eventualmente, por aspectos anímicos, psicológicos e contextuais do jogo. Sem que se perca a condição da análise do papel desempenhado pelos jogadores e as escolhas do treinador durante as partidas.

O vaivém dos textos, por meio de recursos como a analepse e a prolepse, se mostra como uma estratégia narrativa usual, assim como o avanço cronológico coerente com a progressão dos parágrafos, a depender do texto. O tensionamento narrativo ocorre, sobretudo, por conta da dramatização com o avanço das fases da Copa. Mas também há espaço para explorar situações que evocam o sentido de sagrado, devoção, e

de pertencimento da torcida com sua seleção nacional. Em especial em alguns textos se destaca uma ou outra característica mais presente, como no texto de tom confessional em primeira pessoa, que explora sentidos e sensações cotidianos e acontecimentos aparentemente triviais, tendo o autor como um observador da catarse coletiva da conquista do mundial.

Na composição do enredo, foi possível compreender a composição e disposição dos personagens, coadjuvantes, protagonistas, entre os sentimentos muitas vezes divergentes que os resultados por si podem causar, mas que passam pelos “óculos particulares” do narrador-jornalista. Isso também remete à proposta de compor um relato que use a emoção como um elemento de crescente narrativa, contando também com a estrutura de confrontos e embates característica das disputas esportivas.

A crescente da atenção dada à Argentina com o avançar de fases também é algo a se notar quando da opção por apresentar as crônicas em ordem. Necessariamente, os personagens que ganham proeminência na trajetória acabam por emergir e se destacar no contexto geral indicado pelas crônicas. Entendemos, assim, que este estudo pode motivar outras reflexões que explorem as potencialidades da crônica em jornalismo esportivo, sobretudo aquele que se volta ao futebol, em busca de (des)tecer os fios não-tão-arentes da narrativa para compreendê-la de forma mais articulada.

Referências

BONSANTI, B. *Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática*. Trivela, 18 dez. 2022a (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-ou-sem-emocao-a-argentina-fez-uma-campanha-em-que-sempre-optou-pela-via-mais-dramatica/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BONSANTI, B. *Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina*. Trivela, 16 dez. 2022b (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-o-interino-que-foi-ficando-foi-ficando-e-agora-pode-ficar-de-vez-na-historia-da-argentina/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

BORGES, R. *Jornalismo Literário: análise do discurso*. V. 7. Florianópolis: Insular, 2013.

CASAGRANDE, M. C. *Investimento de aspectos passionais no discurso da imprensa esportiva*. Sur Le Journalisme, v. 10, n. 2, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n2.2021.438>. Acesso em: 01 jul. 2023.

GOUVÊA, G. N. *Desvelando as estratégias narrativas das notícias: estudo temático do jornalismo*. In: JORGE, T. M. *Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015.

IAMIN, L. *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente*. Trivela, 20 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-domingo-em-buenos-aires-e-a-importancia-do-futebol-de-selecoes-para-este-continente/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LOBO, F. *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita*. Trivela, 22 nov. 2022a (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/faltou-lideranca-variacao-e-reacao-para-uma-argentina-que-iniciou-bem-e-acabou-engolida-pela-marcacao-saudita/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

MOTTA, L. G. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, L. G. *Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade?* Anais [...] VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP, 2009.

MOTTA, L. G.; COSTA, G. B.; LIMA, J. A. *Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXVII, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12232/1/ARTIGO_NoticiaConstrucaoSentido.s.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

QUADROS, M. R.; MOTTA, J.; NASI, L. *Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil*. In: SOSTER, D. A. *Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

RESENDE, F. *O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro*. Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629/1671>. Acesso em: 13 abr. 2023.

STEIN, L. *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time*. Trivela, 19 dez. 2022a (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-argentina-conquistou-o-mundial-tambem-pelos-jovens-decisivos-no-acerto-do-time>. Acesso em: 10 dez. 2023.

STEIN, L. *A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida*. Trivela, 18 dez. 2022b (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-tambem-e-uma-conquista-da-devoacao-argentina-por-diego-por-messi-pela-razao-de-ser-torcida/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VIANA, R. *A bola e o verbo: o futebol na crônica brasileira*. São Paulo: Summus, 2013.

ZART, L. H. “*Além do óbvio*”: a prática jornalística da crônica futebolística a partir da Trivela. *Anais [...] 4º Painel IALJS/SBPJor-Renami de Jornalismo Literário*, 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 3 a 6 de Novembro de 2020, p. 27-41. Disponível em: <https://proceedings.science/sites/default/files/filehJW5vR>. Acesso em: 29 set. 2025.

ZART, L. H. *Narrativa jornalística de Trivela: a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2024. 420f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/261253/PJOR0210-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 set. 2025.